

Helmar Spamer¹

Resumo: Este trabalho está vinculado ao Laboratório de Estudos do Movimento Migratório (LEMM) da Universidade Federal do Espírito Santo. Nossos objetivos principais foram analisar os fluxos migratórios do povo pomerano dentro do estado do Espírito Santo; apontar e discutir os demarcadores étnicos deste povo neste estado, com ênfase no idioma; analisar as relações interétnicas com os demais povos para discutir a construção e representação da identidade pomerana. O objeto de estudo foi uma comunidade pomerana localizada em Laginha, distrito do município de Pancas, à noroeste do estado. O trabalho se desenvolveu com o uso de documentos oficiais, pessoais, registros religiosos, fotografias. Além da história oral com realização de entrevistas. A partir dessas entrevistas foram levantadas e discutidas algumas questões centrais: em contraponto ao discurso de comunidades isoladas, percebemos a intensa movimentação dos pomeranos no território capixaba e suas interações nas localidades, estabelecendo redes, principalmente de comércio; identificamos e discutimos o conflito de gerações evidenciado na questão do idioma que vem se perdendo no decorrer do tempo, além de outras tradições; e a relação dos pomeranos para com o “outro” no que tange o processo de construção de sua identidade.

Palavras-chave: migração, pomeranos, Espírito Santo, identidade étnica.

Introdução

A história do estado do Espírito Santo é marcada pela imigração europeia. Desde meados do século XIX o estado passou a receber levas de imigrantes, dentre os quais se encontravam os pomeranos. Eram oriundos da antiga região da Pomerânia que, após Segunda Guerra Mundial, deixou de existir no mapa europeu. Os pomeranos são o segundo maior contingente de imigrantes que se estabeleceram em terras capixabas, ficando atrás apenas dos italianos.

Os pomeranos foram verdadeiros desbravadores, estabelecendo-se inicialmente na região das montanhas e, posteriormente, no final do século XIX e início do século XX, migraram também para o Norte do estado, em direção ao Vale do Rio Doce. Nosso objeto de pesquisa foi uma comunidade pomerana localizada no Município de Pancas, especificamente no distrito de Laginha.

A partir do assentamento inicial de imigrantes na região montanhosa central do Espírito Santo e da migração interna até a segunda metade do século XX, majoritariamente em direção ao norte do estado, em maior ou menor proporção, os colonos germânicos marcaram presença nos atuais municípios capixabas de: Domingos Martins, Marechal Floriano, Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá, Santa Teresa, Afonso Cláudio, Laranja da Terra, Brejetuba, Baixo Guandu, Itarana, Itaguaçu, Colatina, Pancas, São Gabriel da Palha, Águia Branca, Vila Valério, Vila Pavão, Vitória, Vila Velha e Serra (KILL, 1998).

Pancas é um município localizado ao noroeste do estado do Espírito Santo. Faz divisa com os municípios de Baixo Guandu, Colatina, São Domingos do Norte, Águia Branca e Alto Rio Novo e, também, com o estado de Minas Gerais. Possui uma área de 825 quilômetros quadrados e está a uma distância de 190 quilômetros da capital do estado, Vitória. Atualmente, o município de Pancas tem dois distritos: Vila Verde e Laginha.

Até a década de 1920 a região de Pancas era majoritariamente habitada por indígenas conhecidos como

¹ Mestrando em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais na Universidade de Brasília (UnB). Graduado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador voluntário vinculado ao Laboratório de Estudos do Movimento Migratório (LEMM) da UFES. Coordenador Cultural da Associação Pomerana de Pancas (APOPOP).

Botocudos. A partir de então, vieram os primeiros imigrantes colonizadores provenientes da região de Minas Gerais, não só pomeranos, mas também de outras etnias, negros principalmente. A migração para norte do estado ganhou intensidade a partir da conclusão da Ponte Florentino Avidos, sobre o Rio Doce, em Colatina, no ano de 1928 (RETZ, 2005). Durante a colonização dessa região os pomeranos se destinaram, em sua maioria, a ocupar a parte que hoje corresponde ao distrito de Laginha.

No ano de 2013 a estimativa populacional do município de Pancas era de 23.125 habitantes, sendo 60% de descendentes pomeranos. A maior parte destes vive em pequenas propriedades rurais baseada na agricultura familiar. Sua maior fonte de renda provém da produção do café. Vale salientar que muitos descendentes pomeranos emigraram da zona rural e atualmente residem na vila de Laginha. Estes sobrevivem do comércio – mercearias, bares – ou ainda mantém laços com a produção rural, trabalhando na lavoura e morando na cidade.

Objetivos e metodologias

Esta pesquisa partiu de três objetivos principais: apontar e descrever os principais fatores que promoveram a migração pomerana no estado do Espírito Santo para identificar os fluxos migratórios e a consequente ocupação do território capixaba; analisar a dinâmica de interação e contato dos pomeranos com o “outro” – o não pomerano – para entender o estabelecimento de redes de convivência e sua relação na construção da identidade pomerana local; perceber como o indivíduo pomerano lida com as transformações culturais no decorrer do tempo para entender como o mesmo se identifica e se posiciona como tal através do uso da língua.

O trabalho se desenvolveu com o uso de documentos oficiais, pessoais, registros religiosos, fotografias. Além da história oral com realização de entrevistas. Inicialmente, uma bibliografia sobre o tema foi selecionada e lida. Para um suporte teórico metodológico buscamos trabalhar temáticas inerentes à pesquisa: imigração, identidades, território, cultura, história oral. Munidos dessas leituras conceituais partimos a campo.

Os documentos oficiais e registros religiosos como certidões de batismo, casamentos, fundação de comunidades religiosas, foram de suma importância para identificar os fluxos migratórios e a trajetória dos pomeranos nas terras capixabas. A religiosidade se faz presente no cotidiano pomerano e a construção de igrejas (Luteranas) se consiste num indicativo importante da presença deste povo. O deslocamento de gerações de famílias migrantes pode ser claramente mapeado dessa forma. Assim como a análise das fotografias que registram marcos importantes nas vivências dessas famílias: nascimentos, confirmação², casamentos, velórios. Além disso, registros icnográficos também nos permitiram analisar as transformações no modo de viver desses indivíduos no decorrer de sua história.

Outro recurso metodológico foi a história oral. Realizamos três entrevistas na comunidade com o método da “história de vida”. Selecionamos três mulheres que moram na comunidade de Laginha e que tinham

² Confirmação: prática das Igrejas Luteranas, tanto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) quanto da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Em comparação com a Igreja Católica Apostólica Romana, corresponde à Crisma. Após dois ou três anos de estudos da doutrina de Martin Lutero, os adolescentes (normalmente entre seus 13 a 15 anos), passam pela cerimônia de Confirmação. Para os pomeranos, a Confirmação corresponde à entrada dos jovens na vida adulta, no sentido de que não são mais crianças e que agora tem responsabilidades. A partir de então que os namoros são liberados, a ida aos bailes e festas sem a presença dos pais, ou seja, adquirem mais liberdade.

passado pela experiência migratória com suas famílias, ou seja, nasceram em outro município e mudaram para Laginha quando crianças. O modelo de entrevista conhecido como “história de vida” parte de um roteiro de perguntas semiaberto e pressupõe que o entrevistado vá contar sua trajetória a partir das indagações feitas pelo pesquisador. Nesse sentido, as perguntas foram formuladas previamente no intuito de conduzir a entrevista a satisfazer os objetivos da pesquisa. No entanto, não se trata de um formulário fechado, apenas um roteiro para orientação sujeito a variações.

Escolhemos mulheres para as entrevistas pois estas exercem papel fundamental na educação de seus filhos. A transmissão de saberes e tradições na cultura pomerana perpassa essencialmente pela figura da mãe no ceio familiar. A mulher é a possuidora de saberes fundamentais na educação dos pomeranos, é ela que resguarda a identidade étnica e social do grupo e é a responsável pela transmissão do idioma, a guardiã dos objetos da tradição familiar e da memória dos tempos da imigração e conhecedora dos saberes tradicionais (BAHIA, 2011). Por meio das entrevistas analisamos as transformações culturais no modo de viver das famílias. Nesse processo, focamos na questão do idioma, citado muitas vezes nas entrevistas como principal demarcador identitário desse povo.

No decorrer da pesquisa no deparamos com algumas observações e fomos confrontados a absorver questões não previstas. Diante disso, o foco da pesquisa sofreu algumas alterações desde a sua proposta inicial. Esclarecemos que nem todas as questões foram abordadas e que outras surgiram no caminho. Apontaremos alguns dos resultados e ressaltamos que alguns aspectos receberam maior destaque do que outros.

O “outro”

É a partir da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com aquilo que falta, que se estabelece a identidade (HALL, 2007). As transformações culturais ocorrem a partir dessas interações, do contato e a troca. Modos, hábitos, costumes, tradições vão se modificando e se adaptando às novas vivências. São as experiências individuais dos sujeitos que determinam sua cultura e variações.

Situações de contato social entre pessoas de culturas diferentes influenciam na manutenção da fronteira étnica, pois impõe-se a necessidade de marcar as diferenças no intuito de persistir na unidade do grupo. Contudo, quando indivíduos de culturas diferentes interagem também ocorre um processo em que essas diferenças se reduzem, uma vez que a interação simultânea requer e cria uma convergência de códigos e valores (BARTH, 2011). Nesse sentido, direcionamos nosso olhar para as fronteiras étnicas e não para a matéria cultural do grupo.

As identidades não são fixas, são mutáveis (HALL, 2011). O contínuo fluxo cultural está estruturado e expresso nas interações sociais, no contato com o outro, nas experiências pessoais, o que resulta em processos de transformação e variação cultural dentro dos grupos sociais no decorrer do tempo (BARTH, 2005).

O interesse em desenvolver essa pesquisa foi despertado a partir da leitura de um texto sobre a identidade pomerana no Espírito Santo. O autor do texto em questão afirma categoricamente que a pequena propriedade rural é fundamental na manutenção da identidade pomerana e que ao perder sua ligação com a terra o

indivíduo deixa de ser pomerano (JACOB, 1992). Entendemos que não se pode fixar a identidade de um povo baseado em características supostamente comuns a todos os seus componentes, como se não ocorressem mutações no decorrer do tempo e desconsiderando as peculiaridades dentro de cada grupo. Ou até mesmo reduzir a identidade por meio da seleção de características que se considera senso comum. Toda homogeneização implica em exclusão.

Os pomeranos no Espírito Santo realmente expressam estreita relação com a terra, sua “Land”³. Tomemos aqui o sentido de Land além do literal. Para os pomeranos sua terra, sua propriedade, seu espaço, é também o local de reprodução de suas práticas sociais e culturais, onde se expressam valores morais centrais na construção da identidade desses pomeranos camponeses (BAHIA, 2011). Dessa forma, concebemos a Land a partir do conceito de território, não só como espaço físico, mas também lugar onde desembocam todas as ações, poderes, forças e fraquezas, onde a história do homem se realiza a partir das manifestações de sua existência (SANTOS, 1998). Nesse sentido, o território não se define apenas por um princípio material de apropriação, mas, também, por um princípio cultural de identificação, de pertencimento. Sua carga simbólica é tamanha que o território é um construtor de identidade (HAESBAERT, 1998). Assim, o conceito de território vai além da dimensão natural, compreende também as relações de poder.

No entanto, compreendemos que as identidades sofrem contínuo fluxo de variações. Afirmar que um indivíduo deixa de ser pomerano no momento em que este perde sua ligação com a terra – torna-se comerciante, assalariado, passa a morar na cidade, etc – é negar a este o sentimento de pertencimento ao grupo. E mesmo que o próprio indivíduo queira negar sua origem por questões diversas, não o fará por completo pois os valores morais, sociais e culturais estarão presentes em sua existência e se manifestarão de alguma forma em algum momento, mesmo que em menor intensidade e/ou frequência.

A cultura está em estado de fluxo constante. Não há a possibilidade de estagnação nos materiais culturais, porque eles estão sendo constantemente gerados, à medida que são induzidos a partir das experiências das pessoas (BARTH, 2005). Se a cultura está em contínuo fluxo de variações estimulado pelas experiências de cada indivíduo, podemos identificar diferenças culturais dentro do próprio grupo, em maior ou menor escala. Conflitos entre gerações é um bom exemplo disso. Todas as manifestações culturais sofrem alterações no decorrer do tempo. Nas entrevistas realizadas nesta pesquisa podemos perceber certa queixa das pessoas mais velhas em relação às mais novas, inclusive entre familiares. Os mais velhos expressam indignação e lamentam o que elas classificam como falta de interesse dos jovens pela cultura pomerana. A língua pomerana, cada vez menos falada entre as novas gerações, é citada como exemplo dessa perda das tradições. Mais adiante discutiremos melhor essa questão do idioma. Contudo, notamos também, que os idosos tendem a ser mais conservadores e muitas vezes não reconhecem que seus filhos e netos não perderam seus traços culturais, apenas os reelaboraram e os expressam de forma diferente dos seus antepassados. Afinal, a vivência é outra e o contexto histórico também.

É recorrente o discurso de que o processo de ocupação e assentamento dos imigrantes europeus nas terras capixabas resultou na formação de comunidades isoladas ou pouco acessíveis no interior do estado, e que esse isolamento teria contribuído para a manutenção das práticas culturais desses imigrantes e preservado suas tradições (MARTINUZZO, 2009). A princípio compartilhamos desse pensamento, mas isso foi questionado em campo.

³ “Land” é um termo nas línguas alemã e pomerana que em seu sentido literal significa terra, extensão de território.

De fato, nas entrevistas realizadas, quando questionadas sobre as principais dificuldades enfrentadas ao se mudarem para a comunidade de Laginha, todas as entrevistadas foram unânimes em mencionar, dentre outras coisas, a questão da acessibilidade à comunidade e a falta de auxílio médico como os principais problemas na região. A falta de médicos e hospitais distantes – o hospital mais próximo se localizava no município de Colatina, há aproximadamente 60 km de distância – dificultava o socorro às pessoas doentes e recorriam à medicação caseira como única alternativa viável.

Pesquisador: Quando vocês mudaram pra cá [Laginha], quais foram as maiores dificuldades que vocês tiveram?

Senhora E.: Muito difícil era quando a pessoa ficava doente. Para conseguir sair de casa, para conseguir ir na farmácia. Era só a pé e quem tinha cavalo ia no pasto... quando a pessoa passava mal à noite, ia procurar o cavalo no pasto pra, se achasse, levar a pessoa doente na farmácia. Como nós morávamos lá na Floresta, aí trazia a pessoa passando mal em cima do lombo do cavalo para vir aqui na farmácia. A minha irmã passava muito mal à noite, porque ela era muito doente, a Catarina, quando era pequena. Foi uma das coisas mais difíceis que eu lembro, quando as pessoas passavam mal. Era muito difícil, era tudo muito longe. Médico, então, na época era... eu não lembro se na época alguém de nós fez uma consulta naqueles anos. Naqueles tempos, nunca! O máximo que fazia quando um passava muito mal era trazer na farmácia. E também, muitas vezes, fazia remédio em casa, sozinho, com chá e essas coisas.

A falta de estradas – os acessos eram irregulares e improvisados – e precários meios de transporte dificultavam a locomoção. As pessoas andavam a pé ou a cavalo. Entretanto, o difícil acesso à comunidade ou dificuldade de locomoção dos indivíduos não significam necessariamente isolamento. A região de Laginha não foi colonizada apenas por pomeranos, como já dito antes, e estes interagem com as demais comunidades vizinhas. Fatos também constatados durante as entrevistas.

O contato dos pomeranos de Laginha com o “outro”⁴ se estabeleceu de diversas formas. Apesar de as famílias pomeranas camponesas da região na época produzirem praticamente todo seu alimento, estas estabeleciam redes de comércio. Tanto para vender produtos (café, milho, carnes) quanto para comprar produtos de maior necessidade (sal, querosene). Este comércio era realizado com pessoas não-pomeranas, os ditos brasileiros. Cito aqui também o município de Águia Branca, vizinho ao distrito de Laginha, com forte imigração polonesa.

Normalmente, era o homem da casa, o chefe da Land, que realizava as transações comerciais. Desse modo, o homem pomerano estabelecia contato fora de seu grupo, acarretando em algumas transformações como a necessidade de comunicar, por exemplo, aprendendo o idioma português.

Pesquisador: Então fazia comércio?

Senhora O.: Aham.

Pesquisador: Esse comércio era feito só com outros pomeranos?

Senhora O.: Não. Era do jeito que hoje em dia também. Só que os pomeranos antigamente falavam pouco em português. Bem poucos os que sabiam falar em português.

Pesquisador: Mesmo assim faziam comércio com quem não era pomerano?

Senhora O.: Aham, sim.

⁴ Entendemos aqui esse “outro” como os indivíduos não-pomeranos.

As crianças tinham contato com outras etnias ao entrarem para a escola. Novamente a questão do idioma se torna um impasse. É comum o relato de crianças que chegavam à escola falando somente em pomerano e a partir de então aprendiam a nova língua.

Pesquisador: E o português? [O idioma]

Senhora E.: O português a gente começou a aprender na escola. Em casa meus pais sabiam falar em brasileiro, só que como era de costume a gente só falava a língua alta. Porque aprendemos mais na escola mesmo. E depois com o pessoal que a gente convivia.

A estrutura fundiária também favoreceu a interação dos pomeranos com os demais. Algumas famílias possuíam terras além do que conseguiam cultivar, então recorriam ao sistema de meeiros⁵. Esses meeiros geralmente não eram pomeranos. Assim, estabelecia-se outra rede de relações entre pomeranos e não-pomeranos. Também ocorriam situações em que os meeiros eram pomeranos e o patrão não. Como no caso de uma de nossas entrevistas.

Pesquisador: Seus pais compraram terra aqui?

Senhora M.: Não. Eles vieram morar de meeiro.

Pesquisador: Morar de meeiro?

Senhora M.: É, morar de meeiro.

Pesquisador: Vocês foram à escola? Vocês três? [Entrevistada e seus irmãos]

Senhora M.: O meu irmão até que sabia ler e escrever. Mas ele já tinha trazido um pouco de fora, ele não estudou aqui não. Mas eu e minha irmã estudamos aqui. Eu lembro muito bem quando meu pai veio matricular a gente, a gente tinha seis anos, eu seis e ela cinco. Então ele chegou em casa falando em pomerano com a mamãe que tinha feito a matrícula e nós começamos a remendá-lo. Até então nós só sabíamos português por causa da influência dos patrões, dos Schwab. Eles tinham uma irmã, a Araci, e ela gostava muito de mim, me dava muitos presentes e eu fui aprendendo português com ela. A minha mãe também trabalhava aqui com eles. Eles iam busca-la para fazer faxina na casa, cozinhar. Minha mãe cozinava muito bem, ela tinha umas ideias diferentes de cozinha, ela mesma inventava e fazia. Então eles buscavam minha mãe para cozinhar em época de eventos. Eles eram católicos. A Igreja Católica tinha muitos eventos naquela época. Vinham muitos padres, bispos. Minha mãe que tinha que fazer a comida ali pra eles, limpar a casa pra eles. E a gente vinha junto e ficava ali brincando e aprendendo português com os patrões.

Em uma das entrevistas, uma situação nos chama atenção e gostaríamos de destacar. A entrevistada nos relata que quando era criança seus pais tinham em sua propriedade uma família de meeiros não pomeranos. Ela, a entrevistada, e seus irmãos brincavam junto com as crianças dessa outra família. Nos conta que com o tempo não só eles aprenderam a falar o português como também as crianças não-pomeranas aprenderam a entender o idioma pomerano e, até mesmo, pronunciar algumas palavras. Nesse sentido, compreendemos que a partir da interação com o “outro” a cultura passa a ser recriada, reinventada mutuamente.

Pesquisador: Esses meeiros eram pomeranos?

Senhora O.: Não. Eram brasileiros. O primeiro que tinha lá, quando eu era criança, que eu

⁵ Estrutura fundiária em que o dono da terra, por meio de contrato, fornece moradia e um pedaço de sua propriedade para o cultivo de outra família, o meeiro. Este trabalha na terra e em contrapartida entrega metade da sua produção para o dono, o patrão.

já falei outro dia, crioulos, que tá no livro, aqueles quando chegaram... nem eles entendiam a nossa língua e nem nós entendia a deles. Eu ainda lembro pouco daquele tempo porque eu era bem novinha ainda. Mas eu lembro que ela ficava pedindo que ele queria palha de milho para fazer um colchão para as crianças dormirem, que eles vieram com burro de carga. A mudança deles... era pouca coisa que eles tinham. Só que a minha mãe não entendia o que ela falava e nem ela o que a minha mãe falava. Aí ela viu a tuia, o paiol onde tinha o milho dentro. Aí ela mostrou. Pelo gesto dela a gente viu que ela queria ir ali. Nós fomos lá e ela mostrou o que ela queria, mostrou pelos gestos dela. Com isso fomos aprendendo. Por fim os meninos deles já falavam pomerano e nós falávamos em português. Nós tínhamos um galinheiro bem novo que meu pai tinha feito para prender as galinhas. Nós gostávamos de brincar... você sabe como é criança né?! A gente falava então: Vamos brincar no hinerstal? Aí eles entendiam o que era o hinerstal. Mas aí eles já iam para lá e por fim eles já falavam a mesma coisa. Aí nós já falávamos um pouco de português e eles já falavam a nossa língua também.

A presença pomerana na comunidade de Laginha é expressa de várias formas: na arquitetura, nas festas comunitárias, no idioma, nas vestimentas das pessoas, na religião, etc. Mesmo que haja uma queixa pela eventual “perda” da cultura pomerana local, por outro lado, é possível afirmar que a cultura pomerana também exerce influência sobre as demais culturas minoritárias na região. Os pomeranos possuem associações próprias a exemplo da Associação Pomerana de Pancas (APOP), que promove eventos e incentiva a cultura pomerana na região. No entanto, os agricultores pomeranos também participam de outras organizações, como filiar-se ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pancas, onde fazem suas reivindicações não como pomeranos, mas como agricultores, trabalhadores. Na política municipal os pomeranos também se destacam. Diversas vezes o cargo de prefeito foi ocupado por pomeranos, oriundos da comunidade de Laginha. Dessa forma, queremos ressaltar o contínuo fluxo cultural que decorre do intenso contato entre os pomeranos e não pomeranos da região, acarretando numa proximidade cultural sempre latente.

A língua

Um fator importante para nossa análise sobre a questão do idioma pomerano refere-se à religião. A maioria dos pomeranos confessa o Luteranismo. A primeira comunidade de Confissão Luterana da região foi fundada em 1929, em Panquinhas, localidade próxima à sede do município. Atualmente a Paróquia de Pancas da Igreja de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) é formada por seis comunidades: Pancas, Panquinhas, São Bento, Laginha, Floresta, Pedra Bonita. A Igreja Luterana utilizou-se durante muito tempo da língua alemã como língua legítima, oficial. Os seis primeiros pastores a atuarem na região de Pancas eram alemães. Dorival Ivo Ristoff foi o primeiro pastor brasileiro a atuar na região no ano de 1971 (RETZ, 2005).

A utilização da língua alemã entre os pomeranos está intimamente ligada à participação na Igreja. O alemão era usado como língua sagrada, nas rezas, nos cultos, nos livros e textos religiosos e em alguns provérbios de cunho popular. A língua alemã era sistematicamente utilizada nas escolas paroquiais. No caso do ensino confirmatório, em várias comunidades são utilizadas três línguas: alemão, pomerano e português. Até a Campanha de Nacionalização, nos anos de 1938 a 1945, os jornais pertencentes à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil eram veiculados em língua alemã entre as comunidades de

imigrantes germânicos do estado (BAHIA, 2011).

É comum encontrar livros em alemão entre as famílias pomeranas: Bíblias, cancioneiros, livros litúrgicos, escritos de Martim Lutero, publicações da Igreja. A língua alemã se estabelece na comunicação com Deus e, dessa forma, ocupa posição de prestígio perante a comunidade. No entanto, poucos são os pomeranos que dominam a língua alemã, conhecido como o alto-alemão. Cabe ressaltar que apesar de os pomeranos serem comumente representados como alemães e a língua pomerana ser confundida com a língua alemã, lidamos aqui com povos e idiomas distintos.

Os descendentes das primeiras gerações dominam com mais frequência a língua alemã do que os pomeranos das gerações posteriores. As circunstâncias históricas da imigração e a imposição do uso da língua alemã pela Igreja Luterana foram fatores determinantes para o domínio da língua alta – alemão – entre os descendentes dos primeiros imigrantes (BAHIA, 2011). Atualmente, as últimas gerações de descendentes pomeranos na região de Laginha se comunica em português e em pomerano, somente nas celebrações religiosas é eventualmente utilizada língua alemã.

Os primeiros pastores luteranos a atuarem nessas comunidades eram todos alemães. A princípio a comunicação com a igreja, ou seja, com o sagrado era feita somente em alemão. Cabe ressaltar que os pomeranos foram convertidos ao cristianismo pela Igreja Luterana no início do século XVI, ainda na Europa (RÖLKE, 1996). Dessa forma, a língua alemã exerce certa função de domínio sob a língua pomerana, que por muitos é considerada apenas um dialeto. Ressaltamos aqui que compreendemos o idioma pomerano como uma língua, que por muitas vezes sobrevive apenas na oralidade, componente identitário do povo pomerano.

As três senhoras entrevistadas afirmaram conhecer o idioma alemão e que seu contato com a língua-alta foi na Igreja. As três tiveram contato com o pastor Georg Bertlein, o último pastor alemão que atuou na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil da região. Posteriormente, os respectivos filhos e netos das entrevistadas não tiveram mais contato com a língua-alta, pois esta deixou de ser uma prática recorrente na Igreja.

Atualmente, poucos são os pomeranos que ainda conhecem o idioma alemão. A maioria dos pomeranos de Laginha domina a língua pomerana e a língua portuguesa, sendo essa última mais recorrente entre as gerações mais novas. No entanto, não é difícil encontrar pessoas que ainda só se comuniquem em pomerano ou que tenha dificuldade com o português.

Pesquisador: Você aprendeu com quem o português?

Senhora O.: A gente foi obrigado a aprender quando fomos à escola, um pouco. Eu fui com a Ernestina Schultz. A gente não sabia quase nada em português. Mas graças a Deus ela era uma pomerana também, então a gente conseguiu aprender um pouquinho. Só que eu era muito preguiçosa, do jeito que eu já falei antes. Eu não gostava de estudar.

Pesquisador: Seus irmãos, o que eles falam? Pomerano, alemão e português?

Senhora O.: Falam pomerano e português. Já meus netos ninguém fala mais em alemão não, nenhum deles fala o pomerano, todos eles só português.

Pesquisador: Nenhum neto fala pomerano. E filhos?

Senhora O.: Minhas duas filhas falam, falam pomerano. Meus genros falam. Só que eles

não gostam muito de falar mais. Eles já acostumaram com o português, os genros.

Pesquisador: Seus genros são pomeranos?

Senhora O.: São pomeranos.

O pomerano é usado entre os pomeranos, tanto da cidade quanto do campo, na intimidade da família e dos amigos. Seu aprendizado é familiar, sendo a mulher responsável pela transmissão da cultura e da língua pomerana para as crianças (BAHIA, 2011). A língua portuguesa é usada nas situações formais, como nas questões de cidadania, nas escolas, nas instituições locais, no comércio. Sua frequência é maior entre os jovens do que entre as gerações mais antigas.

O uso crescente da língua portuguesa se deu de fato no momento da Campanha de Nacionalização implantada pelo Governo de Getúlio Vargas nos anos de 1938 a 1945. Nesse período, houve repressão à publicação e ao ensino na língua alemã, proibição de falar outra língua em público, fechamento de instituições e associações comunitárias e culturais, perseguição aos membros das Igrejas Luteranas e destruição de propriedades. Muitos pastores foram presos e proibidos de atuar em suas atividades religiosas (BAHIA, 2011).

O português é considerado uma língua de maior prestígio, sendo de maior domínio das esferas formais e nos meios de comunicação. O pomerano é considerado “língua de gente da roça”, “gente atrasada”, enquanto que a língua portuguesa é a língua oficial do país e também a mais próxima da “cultura e da civilização” (BAHIA, 2011).

Considerações finais

A busca por novas terras para plantio, em virtude do crescimento quantitativo das famílias, é apontada como principal motivação para a intensa migração dos pomeranos no território capixaba. Foram grandes desbravadores de terras, estabelecendo-se inicialmente na região das montanhas e, posteriormente, no final do século XIX e início do século XX, migraram para o Norte do estado, transpondo o Rio Doce.

Os intensos fluxos migratórios proporcionaram aos pomeranos uma vasta ocupação das terras, onde fundaram diversas comunidades, verdadeiros redutos de famílias migrantes. Nesse trabalho consideramos a trajetória pomerana no Espírito Santo e sua influência no cotidiano dos mesmos e como estes se veem como grupo étnico no estado.

Há algumas discordâncias referente a questão da identidade. Jorge Kuster (1992) enfatiza a pequena propriedade rural como fator determinante da identidade pomerana a ponto de afirmar que no momento em que abandonar sua vida campesina o pomerano deixa de ser pomerano. Discordamos totalmente dessa perspectiva. Partimos da premissa de que não é possível fixar uma identidade com base em características supostamente comuns a todos. Assim como Stuart Hall, defendemos que as identidades são mutáveis no decorrer do tempo. Faz parte do processo histórico que características culturais sejam perdidas ou mantidas e até mesmo reelaboradas. As identidades são produzidas em momentos particulares no tempo, estando em constante fluxo e sujeita a variações.

Podemos perceber, por meio das entrevistas concedidas e analisadas nessa pesquisa, o quanto a interação com o outro é determinante nas delimitações identitárias de um grupo. Não se está imune a transformações,

as mudanças fazem parte do processo de construção e afirmação das identidades. Dessa forma, é um equívoco falar de cultura sem considerar as influências espaço-temporal a esta suscetível.

A ideia inicial dessa pesquisa concebia trabalhar dois conceitos essenciais: identidades e território. No entanto, percebemos que o campo de discussão é muito extenso e desse modo optamos por nos dedicar às questões identitárias. Para um trabalho futuro pretendemos focar na questão do território e discutir melhor essa relação do povo pomerano com a terra e suas práticas socioculturais.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Joana. **O tiro da bruxa**: identidade, magia e religião na imigração alemã. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- BARTH, Fredrik. Etnicidade e o conceito de cultura. In: **Antropolítica**: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política. Nº 19. 2ºSemestre, 2005. Niterói: EdUFF.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FERNAT, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Unesp, 2011.
- HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura; SOUZA, Maria Adélia de (org.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1998.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- JACOB, Jorge Kuster. **A imigração e aspectos da cultura pomerana no Espírito Santo**. Vitória: Departamento Estadual de Cultura, 1992.
- KILL, Miguel A. **Terra Capixaba**: Geografia e História. Vitória: Edição do autor, 1998.
- MARTINUZZO, José Antonio. **Germânicos nas terras do Espírito Santo**. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 2009.
- RETZ, Sidney. **Memória, vivência e testemunho**. Paróquia Evangélica de Confissão Luterana em Pancas. Espírito Santo: GRAFICOL, 2005.
- RÖLKE, Helmar Reinhard. **Descobrimos Raízes**. Vitória: UFES, 1996.
- SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura; SOUZA, Maria Adélia de (org.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1998.

Entrevistas

SENHORA E. [Sobre sua trajetória de vida]. Entrevista concedida a Helmar Spamer. Laginha/Pancas, 04 de abril de 2014.

SENHORA M. [Sobre sua trajetória de vida]. Entrevista concedida a Helmar Spamer. Laginha/Pancas, 05 de abril de 2014.

SENHORA O. [Sobre sua trajetória de vida]. Entrevista concedida a Helmar Spamer. Laginha/Pancas, 04 de abril de 2014.